



Planeta minotauro

F M L P E P P E R

DEUSA
de
SONHOS

ELA TRANSFORMOU O MUNDO, MAS SERIA CAPAZ
DE MUDAR O PRÓPRIO DESTINO?



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

F M L P E P P E R

DEUSA
de
SONHOS

ELA TRANSFORMOU O MUNDO, MAS SERIA CAPAZ
DE MUDAR O PRÓPRIO DESTINO?

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © FML Pepper, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Barbara Parente
Revisão: Tamiris Sene e Ligia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Imagem de capa: Drobot Dean/Adobe Stock
Capa: Rafael Brum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pepper, FML

Deusa de Sonhos / FML Pepper. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil,
2024.

304 p.

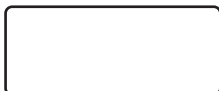
ISBN 978-85-422-2745-1

1. Ficção brasileira I. Título

24-2223

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

— O campeão é uma mulher!

A corrida tinha terminado, minha vida havia acabado, mas...

Eu havia lutado, como prometera à minha mãe.

E tinha vencido!

Sem conseguir compreender o que se passa dentro de mim, sinto-me mais viva e mais feliz do que nunca, do que qualquer mulher se atreveria a ser. Sorrio intimamente quando uma certeza estremece em meu peito.

Febril. Irrevogável. Confrontadora.

Não sou covarde! Jamais morrerei como tal!

Então faço o que tenho que fazer. Trago uma golfada de oxigênio, empino o corpo na sela e, sem pensar duas vezes, desfaço o coque e libero a vasta cabeleira ruiva. Faço questão de esticar o pescoço e deixar meu rosto à mostra. Quero que o vejam.

Que me vejam.

Há somente estática no ar.

Tudo paralisado: olhos, bocas, emoções, certezas.

E, então, o inesperado: aplausos!

De início, tímidos e isolados, como gotas num oceano, mas, no instante seguinte, uma onda esmagadora de som e energia, ainda mais pungente que as batidas frenéticas do meu coração.

Comoção generalizada. Estrondos de euforia.

Trovões que acontecem dentro e fora de mim.

Mas também há sol...

O milagre reluz – cintilante e febril – sobre nós.

Sua força colossal rasga o paredão das pesadas nuvens e se infiltra pela arena, dando vida, calor e esperança aos rostos assombrados e seus espíritos descrentes.

Silver Moon! Silver Moon! Silver Moon!

A multidão ovaciona o nome dela, meu grande amor, e o mundo desbotado da minha existência ganha uma paleta de cores vivas e brilhantes, suas nuances de luz e possibilidades expondo áreas da minha alma que eu nem sequer sabia que existiam.

A luta havia valido a pena, afinal. Por Silver, por minha mãe e irmã, por mim!

Giro o rosto de um lado para o outro, mas as imagens chegam desconexas em meio à enxurrada de sentimentos que me asfixia de uma forma tão atordoante quanto arrebatadora. Ainda assim, sou capaz de decifrá-las:

Trincas... Outro tipo delas.

Porque tudo vibra e se parte. De novo, e de novo.

Meu peito. Minhas convicções. O universo que me envolve.

Posso sentir as novas rachaduras se alastrando, criando fendas profundas na minha carne e na atmosfera de Unyan. Um líquido fervente, um jorro de contentamento como um rio de lava incandescente, avança com fúria sobre nós, e, em sua invasão inesperada, ele penetra pelos cascos da minha égua, sobe por minhas pernas e meu espírito, preenchendo numa maré bem-vinda e desenfreada as feridas deixadas por tantas perdas e sofrimentos, soldando nossos corpos em uma comunhão além das palavras. Silver relincha alto, um trovão divino, uma thunder no sentido mais preciso da palavra e, ao mesmo tempo, tão perturbadoramente indefinível. Seu eco reverbera pela arena e substitui o branco marmóreo da opulência pelo vermelho-sangue dos bravos, moldando a terra e o mundo com seus cascos vitoriosos.

Sorriso como nunca. Mais e mais. Verdadeiramente.

Para mim. Para a vida que eu enfim deixaria para trás.

— Ah, Beta! — Acarício-a um pouco mais, entregue a uma felicidade sem limites sob uma tempestade de aplausos e a vibração da plateia enlouquecida.

Poderia jurar que o calor que me toma não vem de fora, mas é irradiado por minhas próprias células. Sou uma explosão de luz, tão flamejante como o sol que queima minha pele. Rendida ao ardor maravilhoso que me arranca o fôlego, eu a sinto em meio ao astro em chamas que brilha dentro do meu peito, orgulhosa: a silhueta sem rosto dos meus sonhos!

Minha thunder se regozija em resposta, lança sua crina no ar e abre passagem pelos demais cavalos e hookers em estado de choque. Estufo o peito. Quero que *eles* olhem bem, que gravem o rosto de quem os venceu. Quero que suas gargantas queimem, que sintam o fogo desintegrar suas verdades hipócritas, que *eles* finalmente admitam nossa força e importância neste mundo construído em cima das nossas dores.

Uma mulher, ou melhor, duas fêmeas os venceram!

Silver, para minha surpresa, adora ouvir seu nome sendo ovacionado e vai trotando, exibida, em direção à multidão que se aglomera no limite entre a arquibancada e a pista. Onde achei que me depararia com semblantes acusatórios, encontro bocas escancaradas, olhos lacrimejantes e sorrisos gigantescos. Os gritos de euforia se multiplicam, férteis, algo tão raro para um povo estéril e que desistira da vida antes mesmo que ela desistisse de nós. As faces perplexas não sabem se olham para mim, o inimaginável, ou para o sol, o milagre.

Estou na mesma condição.

Ordens bradadas. Abrindo caminho em meio à confusão instalada, a indiscutível massa branca e dourada com armas em punho surge no meu campo de visão: *o Gênesis!*

Os soldados se dividem, uma parte controla a agitação do público enquanto a outra vem em nossa direção, guiando-nos para uma das saídas principais. Por um curto instante, poderia jurar que as fisionomias das pessoas nas arquibancadas se modificam, não parecem satisfeitas com o que está acontecendo. Silver reage, afunda as patas no chão, recusa-se a ir para onde os soldados nos guiam, para o local onde somente nós duas estamos sendo encaminhadas, *ainda mais cedo do que eu imaginava...*

Acalmo minha thunder guerreira quando descubro o motivo de tudo e, ciente de que são meus últimos instantes, despeço-me, acenando para a multidão ensandecida. O sol arde com mais intensidade ainda, reluzindo em minha pele e retinas. Lágrimas de emoção forçam passagem, mas dessas não tenho vergonha. São as mais doces que experimentei. Jamais imaginaria um fim tão perfeito, afinal. Sinto orgulho das lutas que travei e até das batalhas que perdi. Elas são parte da história que punição alguma poderá apagar.

A minha história.

Os berros enlouquecidos são deixados para trás ao atravessarmos o longo túnel de saída da arena. Em seguida, os soldados fecham o majestoso portão de bronze com esculturas em alto-relevo dos mais famosos thunders e hookers de Unyan, e então...

— Argh!

Uma fisgada terrível se alastra por minha têmpora e sou cuspidada da sela com violência. Silver relincha e arrasta os cascos, protegendo meu corpo com sua muralha de músculos. A dor faz minha visão embaralhar por um momento, mas é a gargalhada demoníaca que me arremessa de volta ao caldeirão da realidade.

— Escorregou? Coitadinha... — A voz asquerosa, aquela que sempre estive nos meus piores pesadelos, faz meus pelos carbonizarem. A descarga é feroz, como se um relâmpago acabasse de atravessar minha coluna.

Não é possível!

Ainda caída, elevo a cabeça e dou de cara com uma cicatriz sobre o supercílio direito, aquela que eu mesma talhei quando ainda era uma menina feliz e inocente, antes de o maldito me dar a primeira amostra do que eles são capazes de fazer com qualquer mulher que ouse ter voz.

E me transformar no que sou...

— Você — digo num rosnado.

— Ah, que emoção. Ela me reconheceu! Eu sempre disse que as vadias têm boa memória. — Ele abre um sorriso perverso. Trinco os dentes quase a ponto de quebrá-los. — Tirem a thunder daqui — ordena com um brilho perigoso no olhar.

Para minha má sorte, o capataz que matara minha mãe a socos agora pertencia à guarda armada do Gênesis e, pelo número de estrelas no uniforme, era o líder ali.

Dois soldados vêm em minha direção. Silver bufa alto e torna a esfregar as patas no chão, desafiando qualquer um a se aproximar.

— É melhor não darem nem mais um passo — ameaço com os punhos cerrados ao me colocar de pé.

— Vai arriscar a vida dessa belíssima thunder, colona estúpida?

— Ela é a campeã e nosso animal sagrado — devolvo de estalo. — Você é um covarde, mas não acho que seja idiota a ponto de cometer tamanha loucura.

Os soldados arregalam os olhos ao me verem enfrentar o líder olho no olho e sem um pingo de medo. O desgraçado solta uma risada baixa, horrível.

— A égua pode acordar com uma pata quebrada, pobrezinha... Acidentes acontecem, não é mesmo? E, assim como você, ela terá de ser sacrificada.

— Ele lança a ameaça no ar, a voz fria como o gelo, mas seu semblante arde em brasas, era o mesmo daquela noite que transformou minha vida em cacos.

— Você decide, vadia. Faça a thunder vir para cá. Tem cinco segundos.

Mais dois soldados armados nos cercam. Silver solta outro relincho estridente. *Sagrada Lynian! Não posso arriscar. Não a vida dela.* Olho ao redor, derrotada. *A quem posso pedir socorro se quem define as regras me quer fora do jogo?* Recuo. Por mais que tente me convencer de que o maldito não faria isso, ele é um monstro. E monstros são capazes de qualquer coisa. A única forma de proteger Silver é deixando-a ir. Engulo a lágrima. *Isso aconteceria de qualquer forma...*

— Vá, Beta. Vai ficar tudo bem, meu amor — balbucio em seu ouvido segurando o soluço que ameaça escapar enquanto meu coração está sendo estilhaçado em milhares de pedaços.

Seria ela capaz de compreender que isso era uma despedida?

Silver emite um barulhinho diferente e esfrega a cabeça na minha, sua maneira de dizer que sabe que há algo errado, mas que confia em mim.

E se deixa levar.

O crápula não perde tempo. Aproveita-se do momento em que minha guarda está baixa para dar o bote: puxa meus cabelos e aponta uma arma para o meu rosto. A dor me faz travar a mandíbula, mas ainda consigo abrir um sorrisinho cínico. Ele rosna e dá outro puxão violento. Fecho os olhos com força quando sinto um tufo ser arrancado. Ele ordena aos subalternos que fiquem onde estão, que não deixem ninguém passar por ali, e aponta a direção que devo seguir. Meus pés se arrastam, pesados como chumbo. Meu coração martela em meus ouvidos.

Avançamos por vários corredores e, enquanto sou guiada para uma área mais interna, passamos por uma imponente porta em arco de onde escuto homens – a cúpula do Gênesis? – em franca discussão. Baseando-me na amostra que acabo de receber, será uma punição memorável a que planejam para mim. Empino o queixo, mas é impossível não estremecer ao ouvir as exclamações bradadas do outro lado:

— Bando de incompetentes! — vocifera um homem. — Como deixaram esse absurdo acontecer?

— É uma afronta às leis de Unyan, às *nossas* leis! — acrescenta outro, o ânimo ainda mais acirrado. — Uma mulher!

— Vergonhoso! — dispara um terceiro, a voz ultrajadíssima. — Uma mulher guiar nossa criatura sagrada?!? Agora outras vão se achar no direito de fazer o mesmo!

O traste solta uma risadinha às minhas costas e, deliciando-se com o debate acalorado, diminui a marcha. Mas, inesperadamente, uma voz se destaca em meio às demais, tão convicta quanto emocionada:

— Assim que ela tocou a fita de chegada, o sol ressurgiu! O sol seguia os passos dessa garota como uma sombra obediente, vocês viram! Todos viram!

— Helsten afirmou que ela silenciou os trovões! E agora ela domou o sol! — diz outro, aproveitando-se do silêncio generalizado deixado pela afirmação anterior. — Exatamente como na profecia de Lynian! Como nos versos da predestinad...

— Versos?!? — Alguém gargalha. — Você é um tolo, Eker! Assim como o finado Helsten! É por causa de homens fracos como vocês que este mundo está ruindo.

Meu pulso dá um salto. *Que versos?*

— Este mundo está ruindo porque homens como você não são capazes de enxergar os sinais tão óbvios que os deuses estão nos enviando!

Estremeço por inteiro. *Sinais...*

— Anda! — o homem grunhe ao bater com o cano da arma nas minhas costas, acelerando meus passos por um corredor com chão e paredes brancas, até uma área afastada e silenciosa. Ele abre uma porta com o pé, mas, antes de me deixar entrar, o maldito se aproxima, passando a mão asquerosa pelo meu corpo. — Vamos ver se vai manter esse sorriso petulante quando eu lhe fizer uma visitinha durante a madrugada — diz, com os olhos cruéis grudados aos meus, a saliva repugnante escorrendo pelos cantos dos lábios. O sangue foge das minhas veias e meu estômago se retorce com a ideia. — Que foi? Não sabia que os trâmites para o enforcamento demoram dias? Tempo suficiente para... — Sorri com malícia. — Nesse meio-tempo ninguém estará preocupado com a honra de uma vadia, não é verdade? E se estiverem... — Ele estala a língua. — Bom, aí não será surpresa se não encontrarem honra alguma, como seria de se esperar. Afinal, quando se é filha e irmã de vadias não poderia ser diferente.

— Se tocar em mim, eu te mato. — Acerto-lhe uma cotovelada.

— Argh! Sua... — Ele afunda as garras no meu pescoço, descontrolado, mas passos ao longe fazem o covarde me empurrar quarto adentro. — Você vai me pagar. E será hoje à noite — avisa ao trancar a porta.

Preciso de algum tempo para abrandar meus nervos e me situar. O lugar é tão minúsculo que mal consigo dar cinco passos largos. Há um copo com água numa banquetta e um colchão sem lençol sobre um estrado de ferro tão curto e estreito que mal cabe o meu corpo inteiro. Mais nada.

Claro que não! Não existem prisões em Unyan! Celas são punições arcaicas, de povos inferiores, de um mundo que não existe mais. Agora é tudo muito civilizado.

Só “desaparecimentos” e... enforcamentos!

 Capítulo 2 

As horas estilhaçam meus nervos à medida que se arrastam em seu cortejo fúnebre. Suor frio escorre por minhas costas. Estou começando a fraquejar.

Praga de Zurian! Por que não me matam logo e acabam com essa tortura?

Gostaria que tudo tivesse acontecido de forma rápida, enquanto ainda estava protegida pela armadura da coragem, pela fogueira que aquece a alma e que nutre a força invisível que carregamos dentro de nós. No fim do dia, ela nada mais é do que uma chama fraca, incapaz de conter o sopro do medo que me assola impiedosamente.

Uma corda ao redor do pescoço.

Meu prêmio – ou melhor, minha punição – por ter vencido.

Porque não sou um homem.



As garras da expectativa fazem questão de rasgar minha pele e, pouco a pouco, expõem minhas falsas certezas e meu mundo de areia. Um prenúncio sombrio apenas.

O dia mais longo da minha vida estava longe de terminar.



A madrugada interminável avança. Com o corpo encolhido na cama e os olhos abertos no negrume total, escuto os passos do lado de fora.

Era ele! O maldito estava de volta para cumprir sua promessa!

Meu coração dá uma quicada abrupta, jogo-me para o lado, ficando abaixada num dos cantos do minúsculo lugar. Preparo-me para colocar em ação o ataque que treinei diversas vezes, até o último resquício de luz.

Agora era a minha vez de dar o bote!

Tudo seria tão rápido que, quando o cretino percebesse o que estava acontecendo, já estaria de partida para outro mundo. Com um único golpe – ou melhor, sua arma –, eu liquidaria dois problemas. Ele ia pagar pelo que fez à minha mãe e à minha irmã e, de quebra, me concederia uma morte rápida, bem diferente daquela que eles planejavam para mim.

O barulho aumenta. Os nós dos meus dedos latejam em antecipação, meu coração pula para a boca. Cega em meio à escuridão, deixo-me levar apenas pelos meus instintos. A porta se abre lentamente. Prendo a respiração, preparo-me para atacar, uma claridade ofuscante e então...

— Nailah? — A voz inesperada é uma rasteira e tanto.

— Sr. Sacconi?!? — indago boquiaberta, num misto de alívio e incompreensão.

— O-o que houve, garota? — Preocupado, o pequenino intermediador avança em minha direção ao me ver desmoronar no chão como um saco de beterrabas. Atrás dele, um oficial armado nos observa com um lampião em punho.

— N-nada. — Levanto-me aos tropeços. — O que o senhor está fazendo aqui?

Ele pega o lampião do oficial e pede licença para ficar a sós comigo.

— Que cara é essa? Por que você estav...?

A indagação do sr. Sacconi é interrompida por um rosnado raivoso.

— Como não posso entrar? Sou o encarregado por ela! — A porta se abre abruptamente e, conforme prometera, o maldito surge no aposento

logo atrás do sr. Sacconi. Sob a luz do candeeiro, sua face é ainda mais hedionda do que me recordava. Não está com o usual rabo de cavalo, e a cabeleira, antes farta e escura, está rala e com fios brancos. — O que está havendo aqui? Quem lhe deu permissão para entrar?

— Saia, Hoover — pede com educação o oficial que acompanhava o sr. Sacconi.

Hoover? Era esse o nome do maldito?

— Como é que é? Eu dou as ordens aqui! — esbraveja o patife.

— Sacconi tem autorização do *Patremeister* e é o intermediador dela. Saia.

— Não vou sair!

— Não me faça chamar reforço. — O colega o fuzila com o olhar, mas não responde no mesmo tom. Pelo número de estrelas no uniforme, os dois têm a mesma patente.

— Reforço? — O antigo capataz bufá uma gargalhada seca e olha, furioso, de mim para o intermediador.

— Não será preciso, caro Theon. Eu resolvo isso — o sr. Sacconi diz sem se alterar.

Theon assente, levando uma das mãos à arma na cintura.

— Que loucura é essa? — Ultrajado, Hoover exige com a voz descompensada. — O que o senhor está fazendo aqui nesse horário?

— Curioso... Faça-lhe a mesma pergunta — o sr. Sacconi devolve.

O canalha se retrai por um momento, repuxa os lábios. Quase posso ouvir as engrenagens do seu ardiloso cérebro maquinando as palavras que vai dizer.

— Sou o oficial encarregado por ela. Vim checar se a condenada estava em condições satisfatórias. — Sua voz vem impregnada de uma nota de ironia familiar, típica daqueles que sempre saem impunes.

— Quanta gentileza. — O esperto sr. Sacconi não se intimida. — Mas, se não me engano, a função do chefe da escolta não é apenas “escotar” o *réu* até o compartimento de detenção? Jamais imaginei que faria o trabalho de um subalterno, que acordaria no meio da noite somente para... hum... checar se um *condenado* está em “condições satisfatórias” — ele repete as palavras. — Faz isso com todos?

— Quero ver a ordem — rosna o maldito, tenso e impaciente, estendendo a mão.

O sr. Sacconi saca uma folha de papel do bolso interno da casaca e lhe mostra. Hoover engole em seco ao ler o conteúdo, mas é um pilantra de longa data e se recompõe com desenvoltura.

— Mil perdões, caríssimo senhor — diz e, com o semblante mais hipócrita do mundo, emenda uma frase de impacto muito bem decorada: — Apenas prezo pela segurança de todos e pelo cumprimento da ordem.

— Claro que sim — meu intermediador responde no mesmo tom.

— Fique à vontade. Voltarei mais tarde.

— Obrigado, mas não será preciso. Está dispensado do caso, oficial.

O mau caráter se segura como pode, uma veia tremula em seu maxilar retesado e, antes de sair, ele olha de esguelha para mim. Não consigo conter o sorriso triunfante ao vê-lo abaixar a cabeça para o sujeito que mal bate na sua cintura. Ira explode dentro de seus olhos, a ameaça estampada em sua face asquerosa: *Você vai me pagar.*

Meu sorriso se alarga, enfrento-o. *Estou contando com isso.*

Assim que o maldito se vai, Theon também se retira. O intermediador estreita os olhos de águia em minha direção, solta o ar e um muxoxo de indignação. Decifrara o porquê da minha cara assustada quando entrou, do clima tenso, de tudo.

— Terei que ser rápido, Nailah — ele solta de um jeito misterioso, apertando os dedos, assim que ficamos a sós. — A notícia da sua vitória deixou as pessoas em estado de choque e em poucas horas colocou nosso mundo de cabeça para baixo, entretanto... — arfa. — Eu quero te ajudar, juro, mas estou de mãos atadas. Pelas leis de Unyan, você cometeu um crime gravíssimo.

— Então por que veio? — vou direto ao ponto.

Era óbvio que havia algo suspeito acontecendo para que o sr. Sacconi também me visitasse na calada da madrugada. Ele me encara de um jeito diferente. Seus olhos sempre tão astutos parecem perdidos em uma nuvem de questionamentos.

— Porque quero ficar em paz com a minha consciência, apesar de tudo isso ser tão absurdo... tão... — Ele meneia a cabeça. — Eu preciso que me ajude a ajudá-la. Helsten me implorou por isso, foram suas últimas palavras, e depois do que aconteceu na arena... Você não tem nada para contar? Qualquer coisa? — indaga de um jeito incisivo e suplicante ao mesmo tempo, como se soubesse que ainda tenho algo relevante a dizer, *como se...*

Recuo, atônita, enquanto abro passagem para a verdade galopante, aquela que guardei a sete chaves por causa de um plano fracassado.

Pois que se dane! Eu não tinha mais nada a perder!

— Não sou mais uma Branca. — Minha confissão sai baixa, sufocada em meio à onda de culpa, vergonha e fúria.

Omito o estupro.

— O quê?!? Mas...? — Ele arregala os olhos, cambaleia. — Por que escondeu algo tão importante? Teria recebido um lance e tudo seria diferente...

— Eu não podia perder Silver Moon! — Atropelo-o com a voz tão trepidante quanto o meu coração. O intermediador perde a cor, apoia-se na parede atrás de si. — Eu lhe disse naquele dia. Essa égua é tudo que tenho, minha fortuna, minha vida. Marido nenhum poderia substituir o que sinto por Silver! Além do mais, o senhor sabe que Nefret não se classificaria, que eu a perderia se deixasse meu irmão correr.

— Aurora de Lynian! — Ele libera o assombro, espreme a cabeça entre as mãos. — Você deu a sua vida por um thunder?

— Não, sr. Sacconi. Foi Silver quem trouxe a vida de volta a este corpo — rebato com a certeza que vem do fundo da minha alma, todo o inconformismo latejando em minhas veias ao saber o real motivo pelo qual eu estava sendo condenada antes mesmo de ser julgada. — Sou Amarela agora, maior de idade e a proprietária legítima de Silver Moon. Se estou nessa situação é pelo simples fato de ser mulher, não é?

O intermediador congela no lugar por um longo momento, os olhos muito abertos, reluzindo entre o incrédulo e o maravilhado.

— Maldição! Maldito Helsten! Ele previu isso tudo! — ele exclama em alto e bom som. Sua expressão fica diabólica. — Theon!

— Pois não! — O oficial ressurgiu em nosso campo de visão de maneira tão atabalhoada que eu poderia jurar que escutara a conversa atrás da porta.

— Não saia daqui até eu enviar um mensageiro. Ninguém entra neste recinto sem um documento assinado e carimbado pelo Gênesis, fui claro?

— Perfeitamente, senhor.

O sr. Sacconi capta o alívio em minha face ao terminar de proferir suas ordens.

— Está na hora de eu tomar vergonha na cara e sair de cima do muro. Vou pagar para ver. Você está coberta de razão, garota — ele confessa com o peito estufado. — Que o manto de Lynian cubra nossos próximos passos!



— Vista isso e me acompanhe — Theon pede com educação ao me estender um chapéu negro com abas largas e armações duras. Ao colocá-lo, perco a visão lateral, sendo obrigada a olhar somente para baixo e para a frente.

Para onde eles querem...

Compreendo o propósito de tal vestimenta: os hipócritas estão se impondo, mostrando quem detém as rédeas da situação. *Como se eu precisasse disso para saber!* Cerro os dentes, mas sigo seus passos de perto. Theon me conduz até o salão nobre, que, apesar de lotado, entra em um silêncio perturbador assim que alguém anuncia a minha chegada. Duas sombras se unem a nós, acompanhando-nos até o lugar em destaque reservado para mim, uma cadeira de espaldar alto feita de madeira maciça e muito escura. Voltada para o grande palanque, ela se destaca por ser a única no centro do majestoso anfiteatro de mármore. Com a visão limitada pelo chapéu, não consigo saber o que se passa ao meu redor, ver quem são as testemunhas que lotam as tribunas laterais e que me observam atentamente, mas sou capaz de sentir as respirações cada vez mais quentes e os olhares sobre mim, pulsando, seguindo-me e me condenando bem antes de o julgamento iniciar.

Estaria Andriel ali também?

Giro minimamente o rosto para a direita e sinto a advertência na própria carne, a mão enorme empurrando minha cabeça para a frente de forma bruta, o peso do uniforme branco e dourado deixando claro o porquê da sua presença e proximidade: *os soldados do Gênesis de ambos os lados eram para coibir qualquer atitude indesejável da minha parte!* Não me deixo abalar e mantenho as passadas firmes, o peito estufado e o queixo erguido. Assim que os sons dos nossos passos se vão – os únicos no recinto –, recebo autorização para me sentar.

Puxo o ar com força, obrigando-me a permanecer impassível diante deles, e faço conforme solicitam. Avisto meu pai em uma cadeira, num nível abaixo do palco principal, à minha esquerda. Com o semblante ilegível, ele não olha para mim em momento algum. *O que se passa em sua mente? Estaria enfurecido por presenciar a vitória de uma mulher ou, ainda que nunca admitisse, em seu íntimo tinha orgulho de que essa mulher fosse sua filha?*

A cúpula do Gênesis se resume a uma junta de senhores de cenho franzido empertigados atrás do imponente palanque esculpido em ouro e carvalho. O mais grisalho deles, um senhor com os olhos muito vivos e casaca dourada, provavelmente o Patremeister, pigarreia antes de começar a falar:

— Silêncio para o veredito! — A voz do Patremeister, a maior de todas as autoridades de Unyan, faz os pelos da minha nuca se eriçarem e meu corpo esquentar ao mesmo tempo. Procuo por oxigênio, uma brisa mínima de vento para me acalmar, mas não há janelas aqui, só o ar quente das respirações às minhas costas, da seleta plateia masculina que me observa. Sentado na cadeira em destaque do Sancta Mater Auditorium, ele se dirige a mim com autoridade: — De pé, Nailah Wark.

É agora.

Pego fogo e suo frio ao mesmo tempo. Sou a ré numa assembleia histórica, a primeira vez que uma mulher é trazida a este lugar para julgamento.

Apenas homens passam por isso.

Mulheres desaparecem. Mulheres são enviadas para...

Então por que me trouxeram para cá se a pena para a minha infração era clara e cristalina? Que tipo de castigo planejavam para mim, afinal?

— Relato aos nobres desta assembleia extraordinária que o Gênesis, após minuciosa e imparcial análise, chegou à conclusão de que o sol ter ressurgido depois de séculos de maneira tão... *inusitada* — frisa o Patremeister — não passou de mera alteração climática, assim como tantas outras que vêm assolando Unyan ultimamente, que isso fique claro. Entretanto, não somos indiferentes ao momento delicado que o nosso mundo vivencia — afirma em tom cauteloso ao olhar de relance para a plateia. Nada se mexe. Nada respira. Meu sangue congela nas veias. — Sendo assim, à luz do que foi exposto e dos fatos de que acabamos de tomar conhecimento, o Gênesis avaliou a complexa questão sob todos os ângulos e com benevolência poupará a ré de qualquer punição sob uma — *e somente uma* — condição imprescindível e irrevogável.

Cambaleio. Perco o ar de vez. Engasgo.

Tão rápida quanto surgiu, a fagulha de esperança se transforma em pó, desintegrando-se em meio a um furacão de tormentas ainda piores. O todo-poderoso me encara com a expressão neutra, mas seus olhos o traem e reluzem o brilho do triunfo ao determinar a plenos pulmões:

— Nailah Wark terá de se subordinar a um homem o mais rápido possível! — Sua voz sai inflexível em meio ao exalar de alívio e satisfação da plateia masculina. — A ré deverá receber um lance de um pretendente balizado e se casar num prazo máximo de setenta e duas horas, data em que completará dezoito anos. Tempo suficiente para que passe pela vistoria médica e confirme se de fato é uma Amarela e manteve sua honra como mulher. Caso contrário, será imediatamente encaminhada para *Lacrima Lunii*.

A pancada é tão brusca quanto inesperada.

Meus joelhos se dobram para a frente, como se fossem atingidos por um chute violento por trás. Curvo-me sobre meu próprio abdome, afundo o rosto nas mãos. Eu estava preparada para a forca, mas não para *lá*... o maior de todos os meus medos, a pior de todas as condenações: *Lacrima Lunii!*

“Honra”?

A vistoria médica confirmaria que não, não tenho mais nada disso!

Pior. Que sou estéril!

— Contudo — o Patremeister acrescenta com a voz uma nota mais alta, se prepotente ou emocionada não consigo definir dentro de um mundo que gira com velocidade apavorante, o coração, um badalo cruel a martelar furioso meus tímpanos —, para que a sociedade seja testemunha da imparcialidade do nosso sistema, o Gênesis, pela primeira vez em sua história, magnanimamente concederá à ré o direito de escolha caso haja mais de um pretendente.

Relâmpagos ricocheteiam dentro do meu peito.

Fogo. Chamas. Sou lambida por um milhão delas.

Eu tinha escutado direito?

Contraio os olhos com força, lutando para trazer minha lucidez de volta, mas é a imagem da estátua da guerreira Lynian que surge na minha mente, reluzindo em todo o seu esplendor, incendiando-me por inteiro. Agora tenho certeza: o sol que arde está dentro de mim! A escuridão não me levou, afinal. Ainda há luz. E, por mais insano que possa parecer, eu a sinto — ínfima, porém febril e cintilante — em meu próprio espírito. E ela brada alto que, custe o que custar, eu tenho que sobreviver. Ao menos por enquanto.

Três dias. Duas opções.

Casamento ou... o horror do qual sempre fugi.

Meu pulso dispara, irrefreável, diante da possibilidade absurda — e nada honrosa — que incendeia a lógica e o que restou dessa vida tão amaldiçoada quanto surpreendente. Sim, havia uma saída — ainda que provisória — para o martírio em que eu fora arremessada. Bastaria continuar a fazer aquilo que já era parte de mim: lutar!

E, se era preciso um marido para ir adiante nessa guerra, então...

Giro a cabeça e, antes que os soldados do Gênesis me impeçam, encaro as imponentes tribunas de carvalho e bronze — para a plateia masculina e aristocrática — num duelo que dispensa palavras, um caminho sem volta, confrontando — e avaliando — o terreno e o adversário. Por uma fração

de segundo, eles se despem de suas máscaras e seus olhares se cravam nos meus, como lanças afiadíssimas, ao erupcionar uma gama de emoções...

Curiosidade. Assombro. Fúria.

Mas, entre a nuvem de sangue, dúvidas e destroços, deparo-me com o intangível – o inimaginável –, as armas que não apenas me protegeriam, mas também seriam a rota de fuga do inferno para onde eles mesmos pretendiam me arremessar: *olhos maravilhados, apaixonados.*

Tique-taque... Tique-taque... Tique...

O cronômetro finalmente para.

E é a vez do meu coração bater com violência – mais vivo do que nunca – ao compreender o que me aguardava ao virar a próxima página da minha existência.

Escancaro o mais guerreiro de todos os meus sorrisos.

Não era o “FIM”, afinal...

Ah, sim. A batalha estava apenas começando!



Planeta minotauro